

## **A REPRESENTAÇÃO DO RACISMO E DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA EM *QUARTO DE DESPEJO*: NA SALA DE AULA**

GT 15: RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO

**Trabalho completo**

Emanuelle HENRIQUE ALVES 1 (Programa de Pós-graduação em Educação/UFR)

emanuelle.henrique@aluno.ufr.edu.br

Ana Júlia SANTIAGO MACHADO FUTANA 2 (Programa de Pós-graduação em Educação/ UFR)

Samara SANTOS SILVA 3 (Programa de Pós-graduação em Educação/UFR)

Samara.santos@aluno.ufr.edu.br

### **Resumo**

O presente estudo analisa o racismo e a violência contra a mulher negra, a partir da leitura e análise da obra *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus. Traçamos o percurso do estudo e os objetivos da pesquisa. Apresentamos a autora e como sua obra é importante para a literatura brasileira, pois apresenta temas relevantes, principalmente para serem abordados em sala de aula. Nesta pesquisa apresentamos sobre os impactos do racismo e da violência contra a mulher negra, com o objetivo de produzir nos estudantes o pensamento crítico e reflexivo a respeito destas temáticas.

**Palavras-chave:** Racismo. Violência. Mulher negra.

### **1 Introdução**

A trajetória literária de Carolina Maria de Jesus (1914 /1977) tem início em 1960, com a publicação de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Sua escrita está associada ao jornalista Audálio Dantas que, ao realizar uma reportagem na favela do Canindé, conhece a autora e tem acesso a seu diário, no qual ela relata as agruras da favela. Dantas cuidou da publicação, que chegou a mais de um milhão de exemplares vendidos. Atualmente reacendeu-se a discussão quanto à pertinência de revisões formais nos livros da autora, cuja escrita é fortemente marcada pela oralidade e pelo registro informal. Uma questão que se coloca diz respeito à especificidade da construção editorial de sua imagem pública, em se tratando de autora que também se notabilizou por ser favelada, empregada doméstica, negra e semianalfabeta.

*Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* é uma obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960. O livro é um retrato cru e realista das dificuldades

enfrentadas pela autora enquanto mulher negra, pobre e moradora de uma favela em São Paulo. Esta obra é um marco na literatura brasileira por sua abordagem direta e pessoal sobre o racismo estrutural e a violência que permeiam a vida das mulheres negras.

Carolina Maria de Jesus escreveu *Quarto de Despejo* durante os anos 1950, um período de intensas transformações urbanas em São Paulo. A migração do campo para a cidade trouxe um aumento populacional nas favelas, exacerbando as condições de vida precárias e a marginalização das populações negras e pobres. A autora, uma catadora de papel, vivenciou e registrou essas dificuldades diárias, oferecendo uma perspectiva única e autêntica sobre a vida nas margens da sociedade.

Neste artigo, apresentamos um estudo focado na representação do racismo e da violência contra a mulher negra a partir da leitura e análise de *Quarto de Despejo* com estudantes do ensino básico. A proposta é investigar como a obra, ao ser trabalhada no contexto escolar, pode contribuir para a conscientização crítica dos jovens sobre essas temáticas e para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. A análise será conduzida considerando a recepção dos alunos à obra e suas interpretações acerca das situações narradas pela autora, bem como a relação entre essas vivências e o contexto social contemporâneo.

*Quarto de Despejo* proporciona ao leitor uma visão íntima da vida na favela do Canindé, como aquele universo retrata a realidade da grande maioria dos brasileiros, a desigualdade, a fome, a angústia para que o dia seguinte seja melhor e que algum alimento supra a necessidade de cada cidadão. Carolina Maria de Jesus relata a luta diária pela sobrevivência, a falta de saneamento básico, a fome e a violência. No decorrer do diário, a favela é também retratada como um lugar de extrema vulnerabilidade, onde as mulheres negras, em particular, enfrentam desafios monumentais para sustentar suas famílias e proteger seus filhos dos perigos que os cercam.

Quando lançado e ainda hoje, *Quarto de Despejo* teve um impacto significativo na literatura brasileira e na conscientização social sobre a pobreza e o racismo. A obra de Carolina Maria de Jesus abriu caminho para outras vozes marginalizadas e contribuiu para o debate sobre as desigualdades estruturais no Brasil. Seu legado continua a inspirar novas gerações de escritores e ativistas e por esse motivo este estudo faz se pertinente, principalmente no âmbito escolar, pois a escola na qual será desenvolvida a pesquisa está situada numa região periférica da cidade, e os estudantes precisam compreender a importância desse estudo para a vida deles, para uma análise crítica da sociedade em que vivem.

A estrutura do diário confere à obra uma autenticidade e um imediatismo que reforçam a urgência dos problemas relatados. A linguagem simples e direta de Carolina Maria de Jesus contrasta com a complexidade das questões abordadas, criando uma narrativa poderosa e impactante. A obra pode ser analisada sob diversas perspectivas teóricas, incluindo o feminismo negro e os estudos pós-coloniais, que ajudam a contextualizar e aprofundar a compreensão das experiências da autora.

A análise de *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* revela a profundidade e a complexidade da representação do racismo e da violência contra a mulher negra. A obra de Carolina Maria de Jesus é um testemunho potente e necessário das lutas e resistências das mulheres negras nas periferias urbanas brasileiras. Sua escrita não apenas documenta as injustiças sofridas, mas também celebra a força e a dignidade de quem resiste à opressão. A autora personagem nos faz refletir sobre a realidade da vida humana e como muitas vezes nos distanciamos dessas verdades e passamos a vida imaginando que ninguém, principalmente as mulheres negras, tendem a sofrer mais dentro de uma sociedade que negligencia verdades cruéis.

A presente pesquisa tem por objetivo, desenvolver nos estudantes a importância do diálogo sobre o racismo, além de apresentar ao leitor sobre a representação da violência contra a mulher negra. Os objetivos específicos se estendem sob a perspectiva de um estudo crítico em torno do racismo e como este se apresenta no contexto brasileiro; analisa as questões que permeiam a violência contra a mulher negra no nosso país; e propicia às reflexões críticas a partir da leitura e análise do diário da autora, a fim de que os estudantes compreendam o gênero e como a literatura possibilita que desenvolvam o pensamento crítico e reflexivo sobre temas relevantes.

## **2 A representação do racismo**

No que diz respeito às questões do racismo estrutural, a narrativa de Carolina Maria de Jesus revela como o racismo estrutural afeta todos os aspectos da vida das pessoas negras, e principalmente das mulheres negras, com filhos e sem um esposo para ajudar a prover o básico em casa. Desde a exclusão do mercado de trabalho formal até o acesso desigual a serviços básicos, o racismo institucionalizado perpetua a pobreza e a marginalização. A autora descreve em detalhes as humilhações e discriminações que sofre por ser negra, evidenciando como o preconceito racial foi uma constante em sua vida.

O racismo estrutural é um tema central em *Quarto de Despejo*. No decorrer do diário, Carolina Maria de Jesus descreve como o preconceito racial permeia todos os aspectos de sua vida, desde a dificuldade de encontrar emprego até a forma como é tratada pelas instituições públicas, principalmente durante e após a publicação de seu livro. Sua condição de mulher negra e pobre a coloca em uma posição de extrema vulnerabilidade, onde a discriminação é uma constante.

A autora relata diversos episódios de discriminação racial, evidenciando como o racismo é institucionalizado e perpetuado pela sociedade. A falta de oportunidades de trabalho digno é uma das principais dificuldades enfrentadas pela autora, que precisa se dedicar à coleta de papel para sustentar seus filhos. Essa atividade precária e marginalizada é uma representação clara da exclusão social sofrida pelas mulheres negras, e a forma como a sociedade as enxergam, sempre cabendo a elas os trabalhos braçais, a vida sofrida.

No decorrer dos estudos, um dos textos lidos foi a respeito da forma como olhamos para as diferenças, no qual Bianchetti (2002) reflete sobre a forma como cada um olha para o outro e as vivências deste.

Mas essa forma de olhar, nem sempre faz-se presente em nossa sociedade, pois esquecemos o quanto a dor do outro pode ser maior que a nossa e, em *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*, a autora nos proporciona essa visão, nos incomoda e nos permite refletir sobre as diferenças e como a sociedade faz-se cega diante tantas lutas, principalmente as das mulheres negras.

Segundo Bianchetti (2002, p. 3) “os olhos são considerados também o meio de comunicação entre o mundo interior dos seres humanos e o exterior. Fala-se dos olhos como as janelas da alma”. E isto é real na obra em análise, pois todos os sentimentos da autora, todo o sofrimento dela, a fome que os filhos sentiam o tempo todo, enquanto lemos, parece doer em nós, nossa mente viaja e nos deparamos com aquele barraco, com a mãe Carolina Maria de Jesus, rejeitando alimento para que sobre mais para seus filhos. Mas, no decorrer das nossas vidas, nos esquecemos da importância desse olhar, a pressa nos afasta da dor humana que nos rodeia.

Ainda segundo Bianchetti (2002, p. 5) no que diz respeito às nossas relações com os outros, detectamos “estágios ou graus de proximidade/trocas, o que o estudioso elenca como: desconhecimento do outro; indiferença; (in)tolerância; anti/sim-patia; e a empatia”. Isto posto, considerável é analisarmos como cada um desses estágios fazem-se presentes em nossas



vivências, assim como nas de Carolina Maria de Jesus, enquanto catadora de lixo, moradora de uma favela, uma mulher negra que resgatava do lixo restos de cadernos para escrever e/ou relatar sobre suas dores, sobre o que seus olhos viam diariamente, mas que à sociedade pouco importava.

O estudo de Bianchetti tem por intuito explicar sobre o preconceito, a igualdade, as formas múltiplas como cada sujeito olha e é olhado, as diferenças e estigmatizações que muitas vezes fazemos do outro. No entanto, ao dialogarmos em sala, percebi o quanto se fazia pertinente para mim, enquanto professora e pesquisadora, no decorrer deste estudo, trabalhar com os estudantes sobre a forma como os mesmos olham para o mundo ao redor deles, para as múltiplas diferenças, as desigualdades sociais que os cercam etc.

Além da vivência com o texto em torno dos olhares, é pertinente para este estudo a leitura que realizamos do texto sobre “O que é mesmo educação?”, de Marcos Aurélio Fernandes, e este nos leva a refletir sobre a perspectiva da liberdade, do fato de que aprender é apreender (o que, por vezes, pode acontecer a partir da dor), mas que levará às possibilidades da coragem, como quem um dia decidiu sair da caverna, visitar o desconhecido. Assim, a educação é como o romper dos paradigmas, dos preconceitos, das imposições pedagógicas, é um libertar-se que por vezes será solitário, pois depende de cada sujeito, de cada professor.

O intuito desta pesquisa é desenvolver nos estudantes a capacidade crítica em torno de temas que parecem repetitivos, mas não são, porque seguimos numa sociedade que não mudou, que ainda não estudou suficientemente sobre o racismo e a violência contra a mulher negra, então quando em sala de aula, uma adolescente negra, certa vez disse: “eu quero amar grande, não importa se ele vai me bater ou não, desde que as pessoas percebam que ele me ama, vou entender. Porque minha mãe sempre viveu assim, e ela diz que se é ruim com ele, pior sem ele, então eu quero ser amada da mesma forma”; a partir desse dia, percebi que eu precisava encontrar uma forma de desenvolver uma pesquisa em torno dessas temáticas, a fim de possibilitar a esses jovens uma compreensão melhor sobre aquilo que foge da normalidade, mas que na maioria das vezes lhes são apresentados de outra forma no meio social em que vivem, e então todos acreditam ser normal e correto de aceitar.

Então, conforme Fernandes (2010, p. 162) “o homem é sempre um rascunho, um esboço, do homem. [...] ele é o poema apenas começado a ser”, a partir dessa concepção, penso que se estamos em constante mudança e se ainda somos considerados um esboço, então levar este estudo para a sala de aula pode somar para a vida dos estudantes, pode mudar a forma como

eles aceitam determinadas situações que vivem ou vivenciam. E, enquanto professora, preciso estar atenta para os diálogos que surgem em momentos de descontração, pois é quando conseguimos, por meio do olhar, do saber escutar antes de saber falar, como nos propõe Freire em *Pedagogia da autonomia*, compreender as necessidades dos estudantes, diante da realidade que enfrentam quando estão fora da escola.

Então, se a educação, como explica Fernandes (2010, p. 164) “se refere ao processo de ‘hominização’ do homem, [...] de nascimento e formação, do humano, na realização de suas possibilidades de ser”, então no exercício diário do ensinar me é cabível desenvolver novas habilidades, promover o pensamento crítico, saber escutar o que esses jovens têm e o que precisam dizer, mas que muitas vezes silenciam, por medo do preconceito, do olhar do opressor, do julgamento desumano que os cercam, entre tantas outras demandas que enfrentam nesse processo de formação, de tornar-se humano, sujeito capaz de refletir e posicionar-se.

E, por fim, mas não menos importante, outro texto que nos fez refletir sobre esta pesquisa foi o de Vera Maria Candau, pois a estudiosa dialoga sobre as representações, as questões culturais, e os desafios que diariamente enfrentamos na escola, pois existe ainda uma negação ou fuga, se assim podemos dizer, por meio da maioria dos professores, quando o assunto é trabalhar sobre essas temáticas, então mesmo sabendo da importância, por serem temas complexos para a maioria, muitos se negam em levar para a sala de aula e explorar com maior profundidade e detalhes, e assim seguimos negando o inegável.

A estudiosa nos leva a refletir e questionar sobre a forma como eu mesma, enquanto professora, nesse processo de ensinar e pesquisar sobre temas relevantes: eu estou sabendo identificar minha representação no outro (estudantes)? Eu sei tolerar o outro (colegas de profissão, estudantes que fazem parte desse meu processo)? Em que momento já percebi que me coloquei como opressora, e ao perceber, eu mudei e busquei caminhos de mudar enquanto educadora?

### **3 A violência contra a mulher negra**

No que diz respeito a violência contra a mulher negra, no diário Carolina Maria de Jesus aborda com franqueza a violência que as mulheres negras sofrem, tanto no âmbito doméstico quanto na sociedade em geral. A autora descreve episódios de violência física e psicológica,

destacando a dupla opressão enfrentada por ser mulher e negra. A ausência de proteção legal e o desprezo da sociedade agravam essa situação, tornando a violência uma constante na vida dessas mulheres.

Apesar das adversidades, Carolina Maria de Jesus demonstra uma notável resistência e resiliência. Sua escrita é um ato de sobrevivência e afirmação de identidade. A autora utiliza a literatura como uma ferramenta de denúncia e empoderamento, desafiando a invisibilidade imposta pela sociedade racista e patriarcal.

Foi por meio da literatura que a autora encontrou meios de apresentar ao mundo sobre o universo que geralmente era apresentado nos jornais, quando crimes aconteciam, quando a polícia investigava algo que ocorreu no morro, mas que não possibilitava ao público uma visão mais aprofundada da favela do Canindé, um mundo oposto às realidades coloridas e bonitas do outro lado da cidade.

Carolina Maria de Jesus conseguiu incomodar muitos escritores, mas incomodou mais ainda por que sua escrita era aquela que ia contra as regras gramaticais impostas pela língua portuguesa considerada culta e padronizada, então aí começa a violência contra a escritora, além do fato de ser uma mulher, negra, catadora de lixo, moradora de uma favela, mãe solteira etc., e repentinamente frequentar lugares, espaços que não lhe eram possíveis, isto era considerado um achincalhe imenso para a sociedade da época.

Freire, em seu texto *Sobre diálogo, violência e libertação* aborda a respeito do que é a violência e quem são os violentos, o que é de suma importância identificarmos, antes de tratarmos sobre a temática, tendo em vista a ideia que o estudioso apresenta ao afirmar que “o homem radical tem o dever, por uma questão mesma de amor, de reagir à violência dos que lhe pretendam impor o silêncio” (Freire, p. 64). E consideramos de suma importância essa imposição, pois se aceitarmos o silenciamento diante de tudo que nos permeia e fere a liberdade de pensamento, então a prática libertadora deixa de existir dentro da educação, e é isto que desejamos apresentar por meio desta pesquisa.

A obra de Freire traz uma consideração de um dos estudiosos que estou analisando neste momento da pesquisa, que é o Franz Fanon, este filósofo também aborda a respeito da violência a partir das concepções do oprimido e do opressor, isto na obra *Os condenados da terra*, a qual estamos lendo mais pontualmente, a fim de melhor compreendermos acerca dessas questões.

#### 4 A leitura e análise de *Quarto de despejo*

A leitura e a análise de *Quarto de Despejo* em sala de aula revelaram-se uma experiência rica e transformadora. Muitos dos alunos relataram nunca terem lido uma obra que abordasse de forma tão direta as questões de racismo e violência de gênero. A narrativa impactante de Carolina Maria de Jesus fez com que os estudantes se envolvessem emocionalmente com a história, levando-os a refletir sobre suas próprias percepções e preconceitos.

As discussões evidenciaram que a leitura de *Quarto de Despejo* possibilitou aos estudantes desenvolverem uma compreensão mais aprofundada do racismo estrutural e da condição da mulher negra na sociedade. Alguns alunos relataram que a obra os fez perceber a importância de lutar contra todas as formas de discriminação e se tornarem agentes de mudança. A interseccionalidade das opressões vividas por Carolina também foi tema de análise, ajudando os jovens a entenderem como diferentes fatores sociais se entrecruzam e se intensificam.

A proposta de leitura e análise de *Quarto de Despejo* com os estudantes foi desenvolvida a partir de uma abordagem que privilegia a discussão e a reflexão crítica. O público-alvo escolhido, encontra-se em uma fase importante de construção de valores e de compreensão do mundo social. O objetivo principal foi proporcionar uma leitura orientada e fomentar debates que pudessem instigar os estudantes a refletirem sobre o racismo e a violência contra a mulher negra, temas muitas vezes abordados de maneira superficial no contexto escolar.

O processo de leitura foi dividido em etapas: inicialmente, realizou-se uma apresentação contextualizada da obra e da autora, seguida de leituras orientadas de trechos selecionados e, por fim, discussões em grupo e atividades de produção textual. As atividades foram elaboradas para estimular a empatia e a consciência crítica dos estudantes, a partir do contato com uma narrativa que lhes era, em muitos casos, distante da sua realidade.

Durante as discussões, os estudantes foram incentivados a relacionar as situações narradas com a sociedade contemporânea, refletindo sobre as permanências e mudanças nas condições de vida das mulheres negras no Brasil. As suas respostas foram registradas e analisadas qualitativamente, buscando compreender como a leitura da obra contribuiu para a construção de novos olhares e sensibilidades sobre as questões raciais e de gênero.



## 5 Considerações finais

A análise de *Quarto de Despejo* com estudantes de nono ano mostrou-se uma ferramenta pedagógica valiosa para a conscientização crítica sobre o racismo e a violência contra a mulher negra. A obra de Carolina Maria de Jesus, ao ser trabalhada no contexto escolar, contribui não apenas para a formação literária dos alunos, mas também para o desenvolvimento de uma postura ética e cidadã mais sensível às questões de desigualdade e injustiça social.

Em suma, *Quarto de Despejo* é um texto que transcende o campo da literatura e se torna um veículo para discussões urgentes e necessárias. O estudo revelou que a obra pode e deve ser incorporada ao currículo escolar, como forma de promover uma educação antirracista e inclusiva. Assim, ao dar voz a Carolina Maria de Jesus no ambiente escolar, possibilitamos que novas gerações compreendam a profundidade e a complexidade da experiência da mulher negra e favelada no Brasil, gerando um espaço para o reconhecimento e a valorização de todas as narrativas que compõem a nossa sociedade.

## Referências

BIANCHETTI, Lucídio. **Um olhar sobre a diferença as múltiplas maneiras de olhar e ser olhado e suas decorrências.** Revista Brasileira de Educação Especial, v. 8, n. 1, 2002.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

\_\_\_\_\_. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo, 2016.

FERNANDES, Marcos Aurélio. **O que é mesmo educação?** educativa, Goiânia, v. 13, n. 1. p. 161-175, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1253/867> Acesso em: 06/03/2024.

GONZALES, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano:** ensaios, intervenções e diálogos. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Hooks, bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.



**SemiEdu 2024**

FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
EM FOCO: DESAFIOS E  
PERSPECTIVAS

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada.** São Paulo: Ática, 1960.

Realização

